



UM ESPAÇO AINDA EM CONSTRUÇÃO: a presença feminina no curso de matemática e o ingresso de mulheres no campus Paulo VI (2016-2026)

SANTOS, Raylanne Ferreira ¹
GAMA, Elisângela dos Santos ²
COSTA, Gilberto Penha ³

RESUMO: As mulheres enfrentam barreiras históricas para acessar áreas como a Matemática, vistas como masculinas por construções sociais e currículos segregados como na Lei de 1827. Este estudo analisa a participação feminina no curso de Matemática Licenciatura da UEMA, Campus Paulo VI, de 2016 a 2026, com dados de aprovados no PAES. Discutiu-se a relação entre desigualdades de gênero, acesso educacional e inserção nas exatas, com base em Quirino (2011) e Louro (1997). A pesquisa adotou abordagem quantitativa descritiva em estudo de caso longitudinal. Analisaram-se listas oficiais da SUCONS, identificando gênero por prenomes e excluindo ambiguidades. Organizaram-se os dados em tabelas com totais, números absolutos e percentuais anuais de ingressantes convocados. Encontramos um crescimento consistente da presença feminina ao longo do período analisado, partindo de um nível reduzido em 2016 e alcançando, em 2026, uma participação predominante entre os ingressantes. Esse avanço se intensifica a partir de 2021, mantendo-se em elevação nos anos seguintes, com destaque a partir de 2025, até atingir seu ponto mais elevado. Observamos inversão sobre os homens nos anos recentes, ligada a mudanças na oferta de vagas. Analisamos que estereótipos históricos e ajustes institucionais desafiam a sub-representação tradicional nas exatas. Verificamos que esses avanços refletem transformações simbólicas, mas não asseguram permanência plena. Esses resultados indicam progressos no acesso das mulheres às ciências exatas e demonstram transformações simbólicas no ensino superior. Sugerem, porém, a necessidade de políticas que promovam retenção e equidade plena.

PALAVRAS-CHAVE: mulheres na matemática; barreiras históricas; sub-representação exatas; políticas equidade; permanência feminina.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, o acesso das mulheres ao conhecimento científico foi

¹ Graduanda em Matemática Licenciatura, pela Universidade Estadual do Maranhão, *Campus* Paulo VI, fraylanne@gmail.com

² Graduanda em Matemática Licenciatura, Bolsista Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, Universidade Estadual do Maranhão, *Campus* Paulo VI, elisangelagamax@gmail.com

³ Especialista em Lato Sensu em Metodologia do Ensino de Matemática e Física pelo Centro Universitário Internacional, Professor Substituto do Curso de Matemática da Universidade Estadual do Maranhão, *Campus* Paulo VI, gilbertopenha@gmail.com



marcado por restrições e desigualdades. Esse cenário não se constituiu de forma isolada, mas esteve profundamente vinculado às estruturas sociais, políticas e culturais de cada período histórico, que delimitaram quem poderia produzir e acessar o conhecimento. Nesse contexto, a ciência foi, por muito tempo, concebida como um espaço seletivo, excludente e privilegiado, refletindo as desigualdades presentes na sociedade.

Durante séculos, as áreas de Ciências Exatas, como a Matemática, a Física e as engenharias, foram socialmente construídas como espaços masculinos, dos quais as mulheres eram frequentemente excluídas, seja de forma explícita ou por meio de barreiras institucionais e culturais. Disciplinas consideradas mais abstratas, como o cálculo, eram frequentemente associadas ao universo masculino, reforçando a ideia de que tais campos exigiriam habilidades supostamente incompatíveis com o feminino.

Essa exclusão não estava relacionada à capacidade intelectual feminina, mas a uma lógica social que definia papéis distintos para homens e mulheres. Quirino (2011, p. 53) destaca que a construção das identidades de gênero na sociedade se organiza a partir de uma divisão entre as esferas pública e privada, atribuindo aos homens o espaço da produção e às mulheres o espaço da reprodução. Segundo a autora:

Historicamente, a construção das identidades de homens e mulheres na sociedade se tem configurado a partir desta dicotomia entre as esferas pública (espaço de produção) e privada (espaço de reprodução ou doméstico), com atribuições de papéis, atitudes e valores previamente definidos segundo modelos naturais. Os homens prioritariamente designados para a produção e as mulheres para a reprodução (divisão trabalho assalariado / trabalho doméstico), e as tarefas produtivas reservadas ora aos homens, ora às mulheres, é tão comum a todas as sociedades e é algo tão antigo que esses dados apareceram de início como “naturais” e “evidentes”.

Essa lógica histórica contribui para compreender por que as áreas de Ciências exatas foram, por tanto tempo, associadas ao universo masculino, dificultando o acesso e a permanência das mulheres nesses espaços. Um exemplo concreto dessa lógica patriarcal no Brasil remonta à Lei de 15 de outubro de 1827, primeira norma nacional de ensino primário promulgada por Dom Pedro I, que instituiu escolas de primeiras letras com currículos separados por gênero: meninos



aprenderam operações matemáticas avançadas como frações, proporções e geometria prática, enquanto as meninas se limitavam às quatro operações básicas (adição, subtração, multiplicação e divisão), acrescidas de prendas domésticas como corte e costura (Brasil, 1827).

Essa distinção, legitimada pelo Senado Imperial como uma suposta adequação ao “belo sexo”, considerado à época como intelectualmente inferior, não apenas restringia o acesso das meninas ao conhecimento matemático, como também reforçava a sua destinação ao espaço doméstico, enquanto os meninos eram preparados para a continuidade dos estudos e para a vida pública. Tal organização evidencia que o acesso à educação não se dava de forma neutra, mas era estruturado por concepções de gênero que historicamente limitaram a inserção feminina na Matemática desde os primórdios da nação independente.

Nesse contexto, a exclusão das mulheres das áreas de Ciências Exatas pode ser compreendida como parte de um processo histórico e social mais amplo. A relação entre mulheres e Matemática é marcada por um paradoxo: embora muitas tenham contribuído de forma significativa para o desenvolvimento da área, poucas tiveram seus nomes reconhecidos. Esse fenômeno não é acidental, mas resultado de construções sociais que, ao longo do tempo, definiram papéis distintos para homens e mulheres.

Como aponta Louro (1997), as diferenças de gênero não são naturais, mas produzidas por práticas sociais e institucionais que orientam expectativas e comportamentos. Essa lógica se estende ao campo científico, contribuindo para a exclusão feminina da Matemática não por incapacidade, mas por limitações historicamente impostas ao seu acesso e permanência nesses espaços.

Essa dinâmica também se evidencia na trajetória de mulheres que, mesmo diante de inúmeras restrições, contribuíram para a Matemática, como Hypatia de Alexandria, Emmy Noether e Sofia Kovalevskaya. Esses casos demonstram que a exclusão feminina não foi pontual, mas estrutural, ocorrendo muitas vezes de forma implícita, por meio da desvalorização de suas produções ou da invisibilização de suas contribuições.

Diante desse contexto histórico de exclusão e das transformações observadas ao longo do tempo, torna-se necessário investigar como essas mudanças se materializam em realidades específicas. Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo analisar a entrada de mulheres no curso de Matemática Licenciatura da



Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Campus Paulo VI, no período de 2016 a 2026, buscando compreender os avanços e os limites da participação feminina nesse espaço.

A partir disso, define-se como problema de pesquisa a seguinte questão: *como se configura a presença feminina no curso de Matemática Licenciatura do Campus Paulo VI, entre 2016 e 2026, e o que esses dados revelam sobre os avanços e limites da participação das mulheres nas ciências exatas?*

O campo empírico da pesquisa é constituído pelo recorte no curso de Matemática Licenciatura, Campus Paulo VI, no período de 2016 a 2026. A investigação tem como base os dados de ingresso por meio do Processo Seletivo de Acesso à Educação Superior (PAES), disponibilizados pela Superintendência de Concursos e Seletivos (SUCONS), especificamente pela Divisão de Operação de Concursos Vestibulares.

Esse recorte permite observar, em uma realidade concreta, como se manifestam as dinâmicas de gênero discutidas neste estudo, articulando o debate teórico com evidências quantitativas ao longo do período analisado.

2 METODOLOGIA

Este trabalho é uma pesquisa quantitativa de abordagem descritiva, com delineamento de estudo de caso longitudinal. O estudo de caso é utilizado para possibilitar a investigação aprofundada de um fenômeno contemporâneo inserido em seu contexto real (Yin, 2015), o que se aplica a esta pesquisa por analisar um curso específico dentro de uma instituição pública de ensino superior.

O recorte longitudinal adotado permite a análise de mudanças e tendências ao longo do tempo, sendo adequado para investigações que observam variações em séries históricas no campo educacional (Creswell, 2014), especialmente quando se busca compreender comportamentos e padrões ao longo de diferentes edições de processos seletivos. O objeto de análise é o curso de Matemática Licenciatura da UEMA, Campus Paulo VI, o período investigado compreende os processos seletivos realizados entre 2016 e 2026, abrangendo as edições do Processo Seletivo de Acesso à Educação Superior (PAES).

A coleta de dados foi realizada a partir das listas oficiais de candidatos classificados, disponibilizadas pela Superintendência de Concursos e Seletivos da



UEMA (SUCONS). Cada lista foi analisada com o objetivo de identificar o gênero dos candidatos aprovados a partir de seus nomes completos, uma vez que os documentos não registram essa informação de forma direta.

A classificação por gênero foi realizada com base na análise nominal dos prenomes, conforme metodologia amplamente utilizada em estudos de gênero no ensino superior brasileiro (INEP, 2022), o que permite padronizar a identificação em bases de dados oficiais onde essa variável não é explicitamente informada. Nomes de gênero ambíguo foram tratados de forma conservadora e excluídos da contagem quando a ambiguidade não pôde ser resolvida pelo contexto. Os dados foram organizados em tabela por ano total, número de candidatas e a porcentagem, permitindo a observação da participação feminina ao longo da década.

É importante destacar que esta pesquisa analisa apenas as candidatas classificadas, ou seja, aquelas que obtiveram as melhores médias no processo seletivo e foram convocadas para a matrícula. O estudo não abrange dados de permanência, desempenho ou conclusão de curso, o que configura uma limitação reconhecida e abre espaço para pesquisas futuras complementares.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos procedimentos metodológicos adotados, os dados coletados foram organizados de modo a evidenciar a participação feminina entre os candidatos aprovados no curso de Matemática Licenciatura da UEMA, no período de 2016 a 2026.

Inicialmente, apresenta-se a Tabela 01, que sintetiza o total de ingressantes por ano, bem como o número absoluto e o percentual de mulheres aprovadas ao longo do período analisado. Ressalta-se que, para os anos de 2018 e 2020, não foram encontrados dados disponíveis nas bases consultadas, o que constitui uma limitação da série histórica, mas não compromete a identificação das tendências gerais observadas.

A análise dos dados permite observar que, ao longo da década investigada, houve uma variação significativa na participação feminina, com destaque para um crescimento mais acentuado a partir de 2021. Esse movimento indica mudanças no perfil dos ingressantes, refletindo transformações no acesso feminino às ciências exatas.

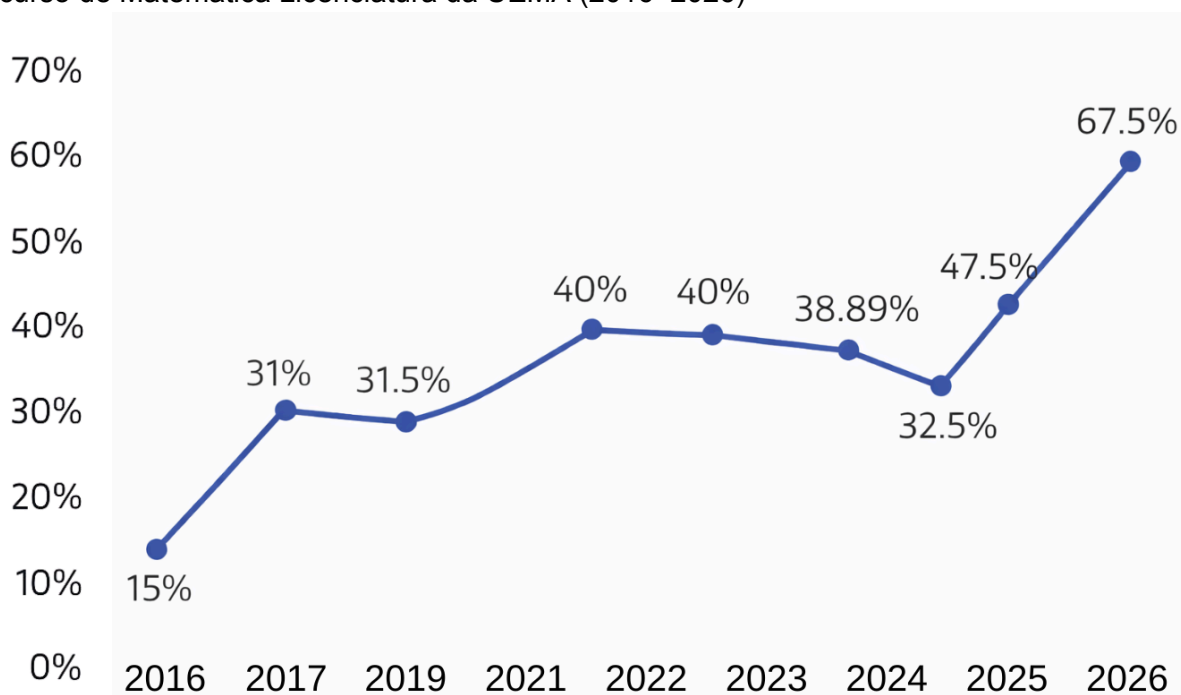


Tabela 01. Participação feminina entre os aprovados no curso de Matemática Licenciatura da UEMA (2016–2026)

Ano	Total	Mulheres (n)	Mulheres (%)
2016	60	9	15
2017	29	9	31
2018	—	—	—
2019	59	18	31,5
2020	—	—	—
2021	70	28	40
2022	35	14	40
2023	54	21	38,89
2024	40	13	32,5
2025	40	19	47,5
2026	40	27	67,5

Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados da SUCONS/UEMA (PAES, 2016–2026).

Gráfico 01. Gráfico de evolução da pesquisa de participação feminina entre os aprovados no curso de Matemática Licenciatura da UEMA (2016–2026)



Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados da SUCONS/UEMA (PAES, 2016–2026).



A evolução da participação feminina pode ser visualizada no Gráfico 01, o qual, em conjunto com a Tabela 01, evidencia uma tendência de crescimento ao longo do período analisado, especialmente a partir de 2021.

Observa-se que, em 2016, a presença feminina era relativamente baixa, correspondendo a apenas 15% dos ingressantes, o que reflete um cenário historicamente marcado pela sub-representação de mulheres nas ciências exatas.

Esse cenário inicial evidencia a persistência de uma estrutura historicamente marcada pela desigualdade de gênero nas áreas de Ciências Exatas, conforme discutido por Louro (1997), ao destacar que os espaços educacionais são atravessados por construções sociais que produzem hierarquias de gênero. Em 2017, há um crescimento significativo (31%), indicando um possível início de mudança nesse padrão.

Ressalta-se que não há dados disponíveis para os anos de 2018 e 2020, o que deve ser explicitado como limitação da análise. Ainda assim, a partir de 2019, percebe-se uma tendência de aumento gradual da participação feminina, que se consolida de forma mais expressiva a partir de 2021, quando o percentual atinge 40%.

Nos anos mais recentes, esse crescimento tornou-se ainda mais evidente. Em 2025 (47,5%) e, sobretudo, em 2026 (67,5%), nota-se não apenas a ampliação da participação feminina, mas a superação do número de homens entre os ingressantes. Esse dado sugere uma possível mudança no padrão histórico de desigualdade de gênero na área da Matemática.

De forma complementar, os dados também evidenciam variações estruturais na oferta do curso ao longo do período, com maior número de ingressos entre 2016 e 2023 devido à oferta de duas entradas anuais, e redução a partir de 2024, quando passa a ocorrer apenas uma entrada por ano. Essas mudanças foram consideradas na análise longitudinal dos dados.

Esses resultados reforçam discussões sobre permanência e desigualdade de gênero na educação superior, evidenciando que o aumento do acesso não implica, necessariamente, permanência ou equidade plena nos espaços acadêmicos, conforme apontado por Ubiratan D'Ambrosio (2001). Além disso, estudos como o de Mendonça (2019) evidenciam que a produção científica e acadêmica ainda apresenta forte marca de invisibilização das trajetórias femininas, reforçando que o conhecimento também é atravessado por relações de gênero.



No contexto do Maranhão, marcado por desigualdades sociais e educacionais, o ingresso crescente de mulheres no curso de Matemática representa não apenas uma mudança estatística, mas também simbólica, ao evidenciar a reconfiguração de um espaço historicamente marcado pela predominância masculina, especialmente no campo das ciências exatas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, foi possível analisar a participação feminina no curso de Matemática Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Paulo VI, no período de 2016 a 2026, evidenciando transformações relevantes no acesso das mulheres às ciências exatas.

Os resultados evidenciaram que, embora historicamente marcada por desigualdades, a presença feminina no curso analisado apresentou crescimento ao longo do período investigado, com destaque para os anos mais recentes, nos quais se observa uma ampliação significativa da participação das mulheres, chegando, inclusive, à superação do número de homens entre os ingressantes. Esses dados sugerem uma mudança no padrão tradicional de sub-representação feminina na área da Matemática, indicando avanços no acesso ao ensino superior.

Entretanto, é importante destacar que o aumento da participação feminina no ingresso não garante, por si só, a permanência, o sucesso acadêmico e a inserção profissional dessas mulheres na área, o que evidencia a necessidade de estudos futuros que considerem essas dimensões. Além disso, a ausência de dados em determinados anos da série histórica constitui uma limitação da pesquisa, ainda que não comprometa a análise das tendências gerais observadas.

Dessa forma, conclui-se que a ampliação do acesso feminino ao curso de Matemática Licenciatura representa não apenas uma mudança quantitativa, mas também um avanço simbólico no enfrentamento das desigualdades de gênero nas ciências exatas. No entanto, persistem desafios que demandam a continuidade de políticas públicas e ações institucionais voltadas à promoção da equidade de gênero no ensino superior.

Por fim, espera-se que este estudo contribua para o debate acadêmico acerca da relação entre gênero e educação, incentivando novas investigações que



aprofundem a compreensão sobre a trajetória das mulheres nas áreas científicas e suas implicações para a construção de uma educação mais justa e inclusiva.

5 AGRADECIMENTOS

Agradeço, acima de tudo, a Deus, pela sabedoria e pela força que me acompanharam em cada etapa desta jornada acadêmica.

In memoriam, à minha mãe, Rosângela de Jesus Ferreira, meu espelho e minha luz, pelo exemplo de mulher forte, guerreira e dotada de uma sabedoria inestimável. Foi ela quem, com amor, me ensinou que o conhecimento deve ser continuamente buscado, pois “conhecimento nunca é demais”. Mesmo em sua ausência física, sua presença permanece constante em minha vida, e tudo o que sou e ainda almejo conquistar carrega sua força e seu amor.

Ao professor Gilberto Penha, agradeço pela orientação ao longo desta pesquisa. Sua contribuição foi fundamental para a estruturação do trabalho, bem como para o aprimoramento técnico e metodológico deste estudo.

À minha querida Elisângela dos Santos Gama, amiga que a universidade me presenteou, agradeço pelo incentivo desde o início desta trajetória acadêmica, pelas trocas de conhecimento, pelas revisões cuidadosas e pelo apoio constante em todas as etapas deste processo.

Por fim, à Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), pela oportunidade de formação acadêmica e por possibilitar a ampliação de horizontes e a construção de novos caminhos de conhecimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de 15 de outubro de 1827**. Autoriza a criação de cadeiras de ciências matemáticas e físicas nas províncias do Império. 1827.

CRESWELL, J. W. **Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**. 4. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2014. 273 p.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 120 p.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior 2022: notas estatísticas**. Brasília: MEC, 2023. Disponível em:



https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/metodologia_de_coleta_do_censo_2022.pdf

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997. 179 p.

MENDONÇA, K. D. B. Protagonismo Feminino na Matemática: criação e evolução do Instituto de Matemática da Universidade Federal da Bahia. **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro, v. 33, n. 65, p. 1-20, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-4415v33n65a05>.

QUIRINO, R. **Mineração também é lugar de mulher!** desvelando a (nova?!) face da divisão sexual do trabalho na mineração de ferro. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/781d026c-c6bf-4857-80f5-ee6e5b82bbb5>

UEMA – Universidade Estadual do Maranhão. Relação de candidatos classificados **PAES 2016-2026**: curso de Matemática Licenciatura, Campus São Luís. São Luís: SUCONS/UEMA, 2016-2026. Disponível em: <https://www.paes.uema.br/>

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015. 320 p.

